

Sonho e Utopia: a escola entre acusações, perigos e liberdades

André Favacho¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG – Brasil

RESUMO – Sonho e Utopia: a escola entre acusações, perigos e liberdades. Jovens profissionais de diversas áreas interessados em educação defendem os sonhos como aquilo que pode transformar a educação. De fato, na sociedade brasileira, a defesa do sonho tem ganhado certa importância, basta conferir o que dizem os especialistas do tema. Fundamentado em referências teóricas diversas sobre utopia e sonho e animado por um documentário, um filme e um movimento de professores/as, este artigo faz duas inferências: a primeira é que dificilmente os sonhos das pessoas poderão ser negados no âmbito da escola, o que a obriga a abrir espaço para eles; a segunda diz respeito ao fato de que os propositores dessa discussão precisam melhorar seus instrumentos analíticos, sob o risco de colocar a escola em perigo. Palavras-chave: **Sonho. Educação. Utopia.**

ABSTRACT – Dream and Utopia: the school between accusations, dangers and freedoms. Young professionals from different fields but focused on Education defend the dream as something that can change the education itself. In fact, in Brazilian society, the defense of the dream has been increasing its importance, as we can ascertain by listening to the experts on this subject. Based on theoretical references about Utopia and Dreams and animated by a documentary, a film and a teachers' movement, this article infers in two ways: first, it is difficult for people's dreams to be denied in the school, which forces it to make space for them; the second concerns the fact that the proponents of this discussion need to improve their analytical instruments, otherwise they risk to put schooling in danger. Keywords: **Dream. Education. Utopia.**

Em Educação, o Sonho Mal Começou

Desde os anos 2000, a temática do sonho tem aparecido com mais frequência nos discursos sobre educação. Militantes, progressistas, neoliberais, holísticos da educação, entre outros, cada qual à sua maneira, todos têm defendido o sonho das pessoas como saída para transformar a sociedade e as instituições educativas. Desde então, manifestos, cartas, documentários, filmes etc. foram produzidos para dar forma a essa defesa. Para além da educação, a temática do sonho tem se apresentado de maneira renovada em outras áreas.

Na Psicanálise, por exemplo, Tales Ab'Saber (2005; 2016) propõe a revisão da exclusividade da interpretação psicanalítica que tenta compreender o sonho a partir de fundações primitivas, restos diurnos e infantis do desejo, defendendo que o sonho pode também ser tomado pelas relações de poder e que, por isso, ele também pode ser uma espécie de crítica ao presente. Segundo o autor, por meio do sonho, escrevemos e reescrevemos a história com nossos corpos, não precisando ser o sonho apenas o retorno a um objeto originário fixo.

Entre os neurocientistas, Sidarta Ribeiro (2019) tenta pensar uma espécie de genealogia do sonho e do sonhar, mostrando que o sonho possui uma história, no sentido de que são variadas as formas de interpretá-lo e/ou de fazer uso dele, que vão desde misticismos, psicobiologia, psicanálise, neurociência etc., passando por temas como autorização divina, presságios, oráculos, morte, tempo futuro e passado, uso de psicodélicos; até mesmo em relação às guerras e ao capitalismo o tema do sonho, ou melhor, da impossibilidade de sonhar se apresenta para os neurocientistas. Aliás, sobre isso, Cray (2016) afirma que, hoje, estamos com sérias dificuldades para sonhar, porque nosso sono está mercadologicamente comprometido¹. Ou seja, nosso sono, último recôndito de nossa alma que se recusa a ser colonizado, tem sido diuturnamente atacado pela atual lógica capitalista, essa que torna todas as nossas relações sociais e os nossos pensamentos necessidades imaginadas ou forjadas, isto é, em produtos consumíveis.

Na antropologia, Hanna Limulja (2022) mostra que a forma como os Yanomamis praticam o sonho é radicalmente diferente da dos brancos. Segundo a autora, os Yanomamis não apenas sonham; mais do que isso, eles viajam para outros lugares, sobrevoam a floresta, acessam o mundo invisível. Não sonham consigo mesmos; sonham com os outros. Há um aprender ao sonhar; todos sonham, mas é preciso aprender a sonhar. Daí porque, entre outros atributos, os xamãs são pessoas sábias nos aprendizados dos sonhos².

Na educação, Sandra Corazza (2021) deixou um legado importante no debate sobre o sonho da docência, defendendo, sobretudo, que a docência é uma permanente *a-tradução* do mundo, isto é, não apenas tradução de conteúdos para os/as estudantes, mas uma vontade nossa, de professores/as, nunca satisfeita, de oferecer, a cada

momento ou mesmo a cada instante da vida na escola, uma maneira de sonhar o mundo.

Sem se importar com a distinção entre sonho diurno e noturno, mas sem desprezá-la, Corazza (2021) propõe pensar o sonho como algo empirista transcendental, pois ele realiza e surrealiza o mundo. No caso da docência, sonhar é ir aos arquivos para ficcionar e não para simplesmente cientificizar os discursos. A autora parece unir sonho, fantasia e imaginação, acreditando em uma docência que fabrica mundos. Acredita em uma aula poética ou onírica, que faz sonhar, que produz sonhadores, que leve estudantes e professores/as, ao dormirem, a elaborarem outras aulas, a conhecerem outros mundos. Em outro texto, diz Corazza (2019, p. 08) que o sonho na docência não seria apenas uma orientação neural e/ou psicológica, e sim a “concretude de uma vida docente mais alegre, que começa pela incorporação fantasiosa”. Enfim, ela defende uma docência poética.

Neste artigo, como não trataremos de sonhos sonhados ao dormir (sonhos noturnos), em vez de nos fixarmos nas discussões teóricas vindas dos/as autores/as citados/as - que muito nos animaram, mas, em certa medida, fogem da nossa finalidade -, iremos explorar melhor aqueles que consideramos os três marcos empíricos mais importantes da temática do sonho na educação atual:³ 1) o Movimento Entusiasmo. 2) o Documentário *Nunca me sonharam*; 3) o filme *Marte Um*.

O Movimento Entusiasmo, nascido em 2014, em São Paulo, tem como uma de suas lideranças o jovem jornalista, escritor e poeta André Gravatá e gerou, entre outros trabalhos, o *Coletivo Educação* - responsável pela publicação do livro *Volta ao mundo em 13 escolas - sinais do futuro no presente*; o Encontro Nacional de Inovação na Educação - Educação fora da Caixa; e o projeto denominado *Virada Educação*, que já se encontra em sua décima edição. O movimento argumenta que é necessário devolver às crianças e aos jovens seus sonhos. Com isso querem dizer que a escola não pode ser apenas um lugar de passagem para os sonhos dos/as estudantes; pelo contrário, ela pode (talvez, deva) ser o lugar e o momento para que os/as estudantes não apenas sonhem, mas também realizem suas vontades.

O segundo marco, o documentário *Nunca me sonharam*, de Cau Rhoden, lançado em 2017, faz, a partir de uma crítica à escola brasileira, a defesa de que a escola deve levar os/as estudantes a sonharem com um bom futuro. No filme, um rapaz diz enfaticamente: “nunca me sonharam sendo um psicólogo, um médico, [...], eles [seus pais] não sonham e não me ensinaram a sonhar, eu aprendi a sonhar sozinho e estou aprendendo a viver praticamente de sonhos”.

O terceiro marco dessa discussão, o filme do jovem cineasta mineiro Gabriel Martins, intitulado *Marte Um*, de 2022, discute o sonho de dois jovens negros. O rapaz deseja ir à Marte (e não ser jogador futebol, sonho de seu pai) e a moça, fazer seu curso superior, assumir sua sexualidade (que não é heteronormativa) e recusar o papel predefinido de mulher, lugar que sua mãe aceita sem problematizar.

Nossa aposta é que esses marcos revelam três manifestações do sonho na atualidade: a) o sonho é uma maneira de praticar a crítica à sociedade e vislumbrar novas utopias (inclusive educativas); b) os sonhos não podem ser apenas das instituições educativas, mas também das pessoas (para além da escolarização); c) os sonhos não estão dissociados da política, especialmente da política do corpo (o corpo-escola).

Contudo, nessa aposta, é válido verificar se a defesa do sonho na e para a educação e suas manifestações são, de fato, uma força capaz de renovar o ato de educar, de inventar outros modos de educar ou se, ao contrário, entrega as escolas, seus professores/as e estudantes às diferentes distopias que hoje se apresentam. Como veremos, o limite entre essas duas coisas é muito tênue.

Antes de prosseguir, vale reforçar que aqui será tratado o sonho diurno ou desperto, portanto, não se tratará do sonho noturno ou sonhado durante o sono. Trata-se, assim, na melhor das hipóteses, de utopias, no sentido de criar uma nova realidade para a educação brasileira. Entretanto, curiosamente, nenhum dos marcos aqui destacados fala em utopia, e sim em sonho. Assim, manteremos, na escrita, a questão do sonho, dialogando, todavia, com a noção de utopia, entendida, neste caso, como reconstrução da sociedade e da escola. Portanto, neste texto, o sonho será analisado continuamente contextualizado em cada realidade aqui referenciada, tendo o objetivo de argumentar que, ao fim e ao cabo, os marcos empíricos citados conformam uma possível problematização para o sonho na atualidade, nem sempre fácil de ser praticada, a saber: como manter o sonho amparado em um diagnóstico crítico e preciso do presente.

Para levar adiante essa discussão, descreveremos, separadamente, cada um dos marcos do sonho aqui enunciados (Movimento Entusiasmo, Documentário *Nunca me sonharam* e o filme *Marte Um*) e, depois, examinaremos as três questões deles decorrentes, a saber: relação entre crítica, sonho e utopia; relação entre o sonho das pessoas e o sonho da escola; por fim, a relação entre sonho, corpo e política.

Descrição dos Marcos

1º Marco: Movimento Entusiasmo

Apenas para melhor situar o leitor, o Movimento Entusiasmo é um grupo de jovens profissionais (alguns professores e outros, não) que se dizem apaixonados por educação e que decidiram, a partir de suas experiências educativas - não muito boas, diga-se de passagem -, experimentar (ou verificar) se era possível encontrar outras formas de educar ou de criar novas instituições educativas. Para conferir outros modos de fazer a educação, uma parte desses jovens viajou por cinco continentes, nove países, visitando treze escolas ou espaços de aprendizagem (como preferem chamar). Os lugares visitados foram: uma escola na Indonésia, em Bali, destinada a “entender a sustentabilidade com os cinco sentidos” (Gravatá, 2013, p. 15), é mantida por

meio de mensalidade e doações (p. 220); a escola particular *Riverside School*, na Índia, em Gujarat, voltada para “crianças e jovens se tornarem a mudança que querem ver no mundo” (p. 15), na qual “cerca de 20% dos estudantes recebem bolsas por meio de um programa do governo” (p. 201); uma “escola independente [que se transformou] em uma instituição pública” (p. 86), na Província da Terra do Fogo, na Argentina, destinada a experimentar com as crianças a arte de compartilhar e do silêncio; a *Team Academy Mongragón*, na Espanha, País Basco, uma escola de origem finlandesa, com atuação em vários outros países, que visa mostrar, na prática, a formação de empreendedores; a *Faculdade Schumacher College*, na Inglaterra, em Devon, financiada em parte por uma instituição local; duas instituições nos Estados Unidos: o Centro de Aprendizagem *North Star*, em Massachusetts, que, embora não fique clara sua natureza jurídica, é um espaço destinado a acolher jovens em “desescolarização” (p. 15) (homeschooling) e a Escola Pública *Quest to learn*, em Nova York, destinada a entusiasmar o estudante a “buscar a aprender” (p. 101); por fim, quatro instituições brasileiras: 1) o *Centro Popular de Cultura e Aprendizagem* (CPCD), uma organização de aprendizagem, é uma ONG mineira, com diversos projetos espalhados por vários estados brasileiros e países, destinada ao empoderamento dos jovens e de suas comunidades; 2) a escola pública *Amorim Lima*, em São Paulo, voltada para a educação de jovens e adultos, que valoriza a capacidade de escolhas dos estudantes; 3) a *Escola Politeia*, instituição particular, voltada para que crianças “[investiguem temas de seu interesse] e pratiquem a democracia” (p. 15); 4) o *Centro Integrado de Educação Para jovens e Adultos* (CIEJA) do Campo Limpo, no Capão Redondo, em São Paulo, voltada “para jovens e adultos reaprenderem a sonhar” (p. 15).

Tudo indica que essas experiências foram consideradas bastante positivas pelos jovens e, mais do que isso, elas confirmaram a percepção deles de que não só era possível uma outra maneira de fazer educação como a escola tem ignorado o sonho dos/das estudantes. Em razão disso, acentuaram sua acusação de que a escola tem mutilado o sonho das crianças e dos jovens, diminuindo sua potência criadora. Por conseguinte, interrogam a baixa capacidade de imaginação dos/das professores/as, afirmando que são paralisados em seus atos de criação, que conhecem pouco o que se passa nas ruas das cidades e mesmo os problemas da vida contemporânea.

Em contrapartida, em suas palavras, o movimento defende uma educação fora da caixa, isto é, uma educação que se abra para a rua, para as pessoas, para a cidade, para as artes e as estéticas diversas. A preocupação desse Coletivo é como tirar a escola e seus sujeitos do imobilismo do pensamento pedagógico. Embora não deseje uma educação capitalista, não dispensa as parcerias público-privadas. Afirma uma educação humanista, espiritual e experimental. Não quer a guerra, prefere as conexões, os encontros e os afetos. Não defende uma pedagogia propriamente dita, e sim uma educação transbordante, no sentido de ir à vida, às ruas etc. Defende que a escola seja um lugar em que as pessoas possam ser elas mesmas, que não precisem ser

guiadas por ideologias, e sim por desejos/propósitos. Os jovens profissionais e professores/as que compõem esse movimento não possuem uma rede organizada nacionalmente, embora desfrutem de importante participação nas redes sociais. Possuem boas articulações no Estado de São Paulo, de onde já inspiram outras cidades a realizar o mesmo. Desejam uma escola com mais imaginação estética, artística e filosófica.

Partindo dessas referências sobre o referido grupo (para facilitar, doravante o chamaremos de Entusiastas), passemos a entender como o sonho se situa em suas discussões.

Como o sonho aparece nos Entusiastas?

O sonho é descrito por eles de diferentes maneiras⁴, por exemplo: vontade de que algo aconteça; destino ou finalidade individual ou coletiva; promessa de constituição de um povo (como o sonho brasileiro); esperança de um futuro melhor; algo que traz felicidade; ideia ou objeto que se constrói coletivamente, a partir de uma vontade comum; algo muito íntimo que, compartilhado com outros, torna-se coletivo; criação de um espaço vazio para que os sonhos dos outros possam ter vez; algo que precisa ser recuperado, uma vez que as pessoas deixaram de sonhar; algo que foi destruído, sabotado, desprezado ou ignorado; uma necessidade que volta a dar esperança às pessoas; a realização de algo impossível para pessoas simples, como obter um curso superior; um esforço para despertar algo adormecido, voltar a ter coragem; algo que germina e brota entre as pessoas; realização espiritual, como uma espécie de chamado divino; lugar ideal ou imaginado; algo que pode alterar radicalmente a forma como vivemos (por exemplo, abolir instituições autoritárias).

Nota-se que são sonhos acordados, diurnos, construídos coletivamente, e não sonhos noturnos, sonhados ao dormir. São, portanto, imaginações políticas, utopias que almejam produzir outra educação. Vale dizer que o sonho acordado, imaginado coletivamente, requer a construção pública e/ou de políticas públicas para lhe dar forma, enquanto o sonho que se sonha ao dormir requer o analista, o psicoterapeuta ou outro profissional ou pessoa qualificada para ajudar o sonhador a decifrá-lo e/ou elaborá-lo. Neste artigo, não faremos a distinção entre esses dois entendimentos sobre o sonho, mas vale dizer que um sonho mal elaborado, individual ou coletivamente, pode se transformar em tragédia. Com isso, queremos dizer que os sonhos, quaisquer que sejam, precisam ser amplamente discutidos, ter seus sinais e consequências avaliados, suas proposições e efeitos medidos, suas potências valorizadas, enfim, exigem uma escuta atenta ao que se deseja, a fim de que se faça boas escolhas. Por isso ficaremos atentos para as possíveis contradições que os sonhos desses grupos comportam.

Ousamos dizer que as manifestações do sonho nos Entusiastas se dividem em duas versões: o sonho mutilado (sabotado ou destruído) e o sonho recuperado. A propósito, ambas as versões serão discutidas aqui de maneira intercambiável, uma vez que uma resulta da ou-

tra. Antes, é importante deixar claro os contextos em que o sonho mutilado e o sonho recuperado aparecem.

O contexto do sonho mutilado diz respeito ao suposto desprezo que a escola, o sistema educativo e seus profissionais têm com as aspirações dos/das estudantes. Tal desprezo é percebido pelos Entusiastas no velho princípio educativo conhecido como “formação do estudante crítico” (Gravatá, 2013, p. 12) sobre o qual trazem a conhecida anedota que diz que uma professora garante ter visto o “‘cidadão crítico’ [quase sempre] na sala da diretora, sendo repreendido por sua capacidade de crítica e subversão” (Gravatá, 2013, p. 12, aspas dos autores). Fica óbvio que desconfiam que tal princípio é falso ou que os/as professores/as não acreditam nele. Não restam dúvidas: a partir dessa desconfiança, os Entusiastas colocam em xeque, em especial, os militantes da educação brasileira, que são os reais defensores do princípio da formação crítica dos/das estudantes.

Quanto ao contexto do sonho recuperado, subentende-se que é uma resposta ao sonho mutilado. Segundo os Entusiastas, restaurar o sonho só é possível religando o que se pensa com o que se faz (Gravatá, 2013). Essa religação é a certeza de que outro princípio formativo é possível ou que esse religamento é o princípio educativo, por excelência, da educação. Dizem eles: o “[nosso princípio é] como o ar que respira[mos]” (Gravatá, 2013, p. 12), ou seja, “só praticamos o que acreditamos”. De maneira ampla e enigmática, com essa posição, eles esvaziam aquele ou qualquer outro princípio educativo de conteúdo, dando-lhes apenas forma. Para eles, é a forma que importa e, nesse caso, o religamento “dizer e fazer” é a forma a ser defendida em educação. Assim, eles não destroem o enunciado “formação do estudante crítico”, mas querem que ele seja efetivado por quem o defende. Em razão disso, dão a entender que: ou se assume que a crítica na escola, para alguns professores/as, tem um viés ideológico e que nem todos a cumprem ou que se reveja o lugar da crítica na formação e atuação de professores. Dito de outra forma, inferem que a crítica defendida por alguns/algumas professores/as está circunscrita a uma posição ideológica predeterminada e que, portanto, não está aberta para os acontecimentos do mundo. Mais adiante, tentaremos compreender melhor as relações entre crítica, sonho e abertura para o mundo (utopia).

2º Marco: Documentário Nunca me sonharam

O documentário *Nunca me sonharam*, de Cacau Rhoden, de 2017, é uma coletânea de falas de estudantes, professores, gestores e especialistas diversos, que discutem a escola, sua realidade e seus desafios. Não são falas exclusivamente de jovens, mas de pessoas de diferentes idades e o enredo do documentário se ocupa em justapor as falas dos/das estudantes com as dos especialistas em educação. O que mais se observa no documentário é uma espécie de confirmação, pelos especialistas, das angústias dos/das estudantes.

Desde seu lançamento, o documentário suscitou inúmeras discussões sobre a escola e sobre o que ela pode fazer pela educação dos

jovens. Entretanto, entre todos os debates que pudemos acompanhar e/ou assistir, vimos que a atenção dada era maior à noção de escola do que à de sonho, propriamente dito. Isso não se configura, a priori, como um problema, mas mostra como a escola e seus/suas professores/as percebem o lugar do sonho na sociedade atual. De nossa parte, não queremos dar prioridade apenas ao sonho, mas sim à relação entre o sonho e a escola. Também não queremos negar as segregações que habitam a escola, as desigualdades sociais e todo o descaso político que o documentário enfatiza. Destacamos, entretanto, que o documentário traz fortemente, assim nos parece, a possibilidade de a escola, por um lado, ela mesma, sonhar e, por outro lado, ser o espaço/tempo de possibilidade de seus estudantes e profissionais narrarem seus sonhos, a fim de todos sonharem juntos. O recorte analítico do sonho é tão importante no documentário que lhe deu título, retirado de uma das falas mais emblemáticas, já citada por nós: a de um rapaz que analisava exatamente a situação do sonho-escola, ao dizer: “nunca me sonharam sendo um psicólogo, um médico, [...], eles [seus pais] não sonham e não me ensinaram a sonhar, eu aprendi a sonhar sozinho e estou aprendendo a viver praticamente de sonhos”. De fato, esse fragmento é muito potente, porque deixa clara a ausência do sonho na vida das pessoas e das instituições.

Para nós, as falas dos/as entrevistados/as no documentário revelam que a escola precisa reconhecer que, antes de estudantes ou números, é formada por pessoas que vivem, sofrem, sonham e desejam. Assim, perguntamos: pode uma escola sonhar? Podem as pessoas da escola contar e partilhar seus sonhos com a escola? Tentaremos, mais adiante, discorrer sobre essas questões.

3º Marco: Filme Marte Um

Como dito, é um filme recente, de 2021, de um jovem cineasta mineiro, filmado imediatamente após a eleição de Jair Bolsonaro para presidente, em 2017. A propósito, o filme começa com dois interessantes áudios de fundo: o primeiro mostra os fogos de réveillon (31 de dezembro de 2018) e o segundo, a transmissão da posse de Bolsonaro (1º de janeiro de 2018). Embora o diretor queira, segundo ele, apenas marcar o tempo histórico no qual o filme foi feito,⁵ podemos traduzir esses dois áudios em, respectivamente, sonho e pesadelo.

O filme retrata uma família de classe social baixa, negra, que mora na periferia de Contagem/MG, mostrando como essa população vive sua vida, não estando, de maneira alguma, separada dos contextos políticos, históricos e culturais mais amplos. É em razão disso que o cineasta trata todos os personagens do filme para além da representação de seus papéis sociais, dando a eles também subjetividades específicas. Daí porque a mãe da família não é vista apenas como uma diarista, mas também como uma pessoa que possui uma vida, um sonho; o mesmo pode ser dito sobre o pai, que também possui seus sonhos, uma história, uma subjetividade e, assim, sucessivamente.

Para nós, tudo isso é importante, mas, para o interesse deste artigo, queremos destacar que o filme também mostra como a política pode construir ou destruir sonhos. No enredo, a política educativa é considerada muito importante na realização dos sonhos de Eunice, filha lésbica que faz o curso de Direito em uma universidade federal, e de Deivinho, garoto de onze anos que sonha ir à Marte.

Durante o filme, aparecem duas cenas que remetem à escola. A primeira retrata uma professora universitária dizendo aos seus estudantes que “a população carcerária brasileira está entre as mais altas do mundo e que isso deveria ser motivo de preocupação para todos nós, sobretudo diante do projeto político eleito em 2018”. A segunda cena é a de um professor da educação básica que demonstrava o efeito quase mágico do magma sendo expelido do interior da terra. Na demonstração artificial feita pelo professor, os/as estudantes revelam um olhar brilhante e curioso. Embora o filme não se concentre na escola, ela não passa despercebida no roteiro do diretor, que sugere que ela é imprescindível para que os sonhos de Eunice e Deivinho – e de toda uma população pobre – alcancem o máximo de projeção.

A dimensão política do sonho também está presente nos sonhos da mãe e do pai dos dois jovens. Enquanto os jovens sonham por si só, sonham os seus próprios sonhos, pois a política permitia essa possibilidade, seus pais, por um lado, sonham com os sonhos dos outros e, por outro, impõem aos filhos os sonhos que não conseguiram realizar, uma vez que a política do tempo deles negou-lhes seus sonhos. A política do tempo dos jovens incluía, no rol das possibilidades, o sonho das pessoas pobres e negras, embora, no ano retratado pelo filme (2018), estivesse ameaçada novamente. Ora, esse recorte do filme nos permitirá discutir, mais tarde, a relação entre sonho e política; mais precisamente, entre sonho, corpo e política, uma vez que a novidade é a presença do corpo, de certos corpos na política.

A seguir, tentaremos avaliar essas três questões que destacamos durante a descrição dos marcos empíricos apresentados: relação entre crítica, sonho e utopia; relação entre o sonho das pessoas e o sonho da escola; relação entre sonho, corpo e política.

Crítica, Sonho e Utopia

Nos três marcos empíricos do sonho destacados, fica claro que uma de suas manifestações é o sonho e/ou a utopia como forma de (fazer a) crítica. Os Entusiastas, por exemplo, ao sonharem com uma escola mais livre das diretrizes oficiais, criticam o sistema educativo; o documentário *Nunca me sonharam* critica a escola atual, sonhando com uma escola mais digna para os mais pobres; o filme *Marte Um*, por sua vez, sonha com a boa política (Ribeiro, 2017), para que ela continue permitindo que pobres e negros sonhem suas vidas. Imaginamos que, por meio desses sonhos-utopia, se sustenta uma crítica contra a forma como a escola e a sociedade estão tratando o futuro das novas gerações. Então, do diagnóstico feito sobre a situação da escola brasileira, vê-se nascerem dois vetores interligados: o da crítica

e o da utopia. A crítica é vista como aquilo que alimenta ou faz nascer a utopia.

Adauto Novaes (2016, p. 12), citando Thomas Morus⁶, afirma que a “utopia tem um destino: a 'severa e lúcida crítica da realidade'“ [...] “o fundamento da utopia é, pois, a crítica do presente”. Com isso, o autor quer dizer que a crítica da realidade e/ou do presente parece ser a matéria-prima indispensável para tudo que consideramos problemático hoje e para o qual se espera uma saída ou resolução.

Assim, crítica e utopia são indissociáveis; quando uma se perde, a outra não resiste. Essa é a razão pela qual Gros (2016, p. 265) afirma que a utopia é uma forma de se opor ao real, de fazer a crítica. Pode, contudo, fazer isso escapando dos defeitos de uma sociedade, desejando se esquivar das imperfeições da vida e dos problemas, sendo, portanto, pura ilusão. Ou pode ser exatamente o contrário, ou seja, denunciando as injustiças do presente; “ao lhe opor outra possibilidade de vida ou de sociedade, ela o denuncia, o critica”.

Observem que Gros vê dois lados da utopia (ilusão e denúncia). De um lado, ele considera a ideia nascida a partir do século XVI, com a crítica de Tomas Morus à sociedade de seu tempo, segundo a qual a utopia seria a criação de uma sociedade perfeita em outro lugar, em uma ilha ou cidade perfeitas. Por outro lado, identifica a denúncia que emerge no século XIX, quando os socialistas utópicos também desejavam uma sociedade harmoniosa, porém escancarando o problema do presente daquele tempo, que era o da propriedade privada - coisa que Morus também insinuava.

Embora exista uma distância entre as noções de utopia, seja concebida como cidade perfeita ou como enfretamento das relações de poder no tempo presente, ambas as formas de compreensão da utopia partem do mesmo problema filosófico, qual seja, como “eliminar entre os indivíduos todos os fatores de discórdia” (Gros, 2016, p. 270). Como resposta a esse problema, observa Gros, Tomas Morus e os socialistas utópicos, cada um a seu modo, ao fim e ao cabo, prezam pela mesma forma-saída: a defesa da vida comunitária, seja a comunidade entendida como vida em comunhão, humanista, seja o comunismo político, propriamente dito.

Ora, nos perguntamos: a educação com que sonham essas pessoas que produziram e participaram do filme, do documentário e os Entusiastas visa algum tipo de comunismo? Até onde se pode ver, todas as três manifestações dos sonhos aqui destacadas deixam claro que a transformação da educação só é possível no e pelo coletivo. Todas defendem outra educação, na qual as relações verticais entre as pessoas sejam abolidas; que escolhas possam ser praticadas; que os prédios escolares sejam refeitos a partir de outra concepção de espaço⁷ e de comum;⁸ que a educação não seja um lugar exclusivo do ensino, mas sim o espaço onde cada um possa compartilhar o que sabe e pode; que as escolas não tenham muros que separem os estudantes da cidade; que os tempos escolares não sejam cronológicos; que os conteúdos não sejam programas de ensino; que não haja avaliações;

que estudantes e professores se ocupem em criar coisas novas e em confraternizar com o saber.

Portanto, sim, defendem uma vida coletiva, comunitária e fraterna. Mas essas pessoas que se dizem apaixonadas por educação, partem de qual crítica para propor sua utopia? Verificamos que a crítica que elas fazem à educação tem motivos distintos.

Enquanto o movimento Entusiasmo acusa a escola de ser mutiladora dos sonhos dos/das estudantes, por ser conservadora e/ou tradicional, fechada demais para os experimentos atuais, os participantes e idealizadores do documentário e do filme – embora endossem a crítica de que a escola é tradicional e indiferente aos/às estudantes – denunciam que, no Brasil, sequer temos escolas públicas, uma vez que a nossa escola pública é, na verdade, alguma coisa de baixa qualidade destinada aos pobres - a grande maioria dos/das estudantes brasileiros. Enquanto os Entusiastas estão presos a uma pauta voltada para as relações interpessoais entre educadores e estudantes, desejando uma escola mais ousada, o filme e o documentário se voltam para as condicionantes sociais, políticas e econômicas que produzem uma escola indiferente aos sonhos dos jovens. Vale ressaltar, contudo, que, em todos esses grupos, parece persistir uma espécie de ressentimento e mágoa contra a escola. Eles amam a educação, mas guardam reserva à escola; acreditam que ela poderia ser mais agradável e amiga e, no entanto, não é.

Contudo, há um ponto cego em suas críticas, incluindo as críticas contidas no documentário e no filme investigados. Em nenhum momento, colocaram em exame o tipo de humano que se vê nascer hoje. Em nenhum momento, se perguntaram qual a participação da escola na formação dessa nova humanidade que hoje se apresenta. Segundo Novaes (2016), uma crítica que não se ocupa com o novo tipo de humanidade que aí está comete um erro crasso, em especial, acrescentamos, para o campo educacional, que tem em seu cerne a tarefa política e filosófica da formação humana.

Esses grupos desejam a formação de um estudante crítico, criativo, participativo, capaz de pensar e executar projetos, sem, no entanto, estabelecer a oposição que lhes serviria de referência. Ora, o novo humano que se deseja construir hoje é, na verdade, o pós-humano e/ou trans-humano, esse ser marcado pela robótica, pela biotecnologia e pela nanotecnologia. Novo humano que, à revelia de suas notáveis competências e habilidades inteligentes, “dispensa o pensamento e a imaginação” (Novaes, 2016, p. 13). Portanto, esses novos humanos não desejam nem a crítica nem a utopia; pelo contrário, em geral, desejam a aderência cega aos padrões de comportamentos e à distopia.

Perguntamos, então: a utopia dessas pessoas que defendem a educação se dá conta dessa problemática que recai centralmente sobre a tarefa educativa da escola, isto é, a tensão entre o pós-humano e a formação humana? Em suas utopias, essa situação não fica clara e isso pode ser preocupante, uma vez que esse novo humano parece

não ter nenhuma simpatia por utopias escolares. Pelo contrário, tudo indica que, para esses novos seres, a escola é algo a ser extinto.

Para avaliar os perigos desse pós-humano, Duarte (2016) se vale de uma reflexão que Norbert Elias (1982) faz em *¿Cómo pueden las utopías científicas y literarias influir sobre el futuro?*, na qual diz existir dois momentos nas utopias. Diz Elias (1982) que as primeiras utopias exprimiam desejos de felicidade, sonhos que prezavam por “una vigorosa fe en la posibilidad de una sociedad mejor, en los beneficios que los hombres iban a sacar de la ciencia, el avance tecnológico y la educación” (Elias, 1982, p. 19). Entretanto, as últimas utopias, sobretudo aquelas do pós-Guerra, nascem do medo. Assim, “las utopías han asumido cada vez más el carácter de sueños sombríos y, muchas veces incluso, el de pesadillas (Elias, 1982, p. 18). O autor vê, então, com perplexidade, uma misteriosa mudança que, em suas palavras, se trata da passagem do “predominio de utopías-deseo a utopías-pesadilla” (Elias, 1982, p. 18).

Os sonhos provenientes do medo são sonhos alienados nos poderes ciborgues, que acreditam que nossa salvação está na virtualidade, no poder sobre-humano diante dos problemas vividos. Nas palavras de Gros (2016), essas saídas seriam sonhos ou utopias trans-humanistas, aquelas que querem eliminar do corpo todas as suas imperfeições e limitações, fazendo percorrer em nossas veias as nanotecnologias, que corrigiriam, em forma de download, todas as perturbações biológicas e cerebrais. Os sonhos que nascem do medo são, portanto, pesadelos, pois impõem à toda a humanidade uma maneira toda nova de constituição humana que, no final das contas, é assustadora.

Na crítica dos jovens defensores da educação, vimos sinais de que essa discussão se apresenta, porém de forma claudicante. Em *Marte Um*, por exemplo, sem deixar claro se seria uma crítica ou não, o sonho de Deivinho de participar do projeto de colonização de Marte é uma clara referência ao ambicioso projeto de Elon Musk. No documentário *Nunca me sonharam*, um dos especialistas defende que a escola estaria indiferente à sociedade do conhecimento, da informação, da comunicação e da virtualidade, não esclarecendo, entretanto, como seria a participação da escola nesse mundo cibernético. Os Entusiastas fazem, em relação a uma parte das escolas por eles visitadas, uma clara defesa da inovação educativa praticada por elas. Inovação que, pelo que sabemos de parte dessas escolas, tem padecido de uma frenética adesão ao discurso das ciências da inteligência artificial.

Intuímos, assim, se não uma falha, ao menos uma indecisão frente a esse debate do pós-humano. Isso mostra que a crítica feita à escola visa construir utopias e sonhos coletivos e humanitários, porém nem sempre seus proponentes se ocupam devidamente com a crítica a respeito da nova humanidade que agora se apresenta. Se as utopias nascem de boas críticas, parece, então, que as críticas feitas às escolas, demasiadamente centradas na acusação de a escola ser tradicional ou mutiladora de sonhos, deixam margem para que sonhos ou utopias se transformem em pesadelos; no limite, antiutopias.

Se desejamos recuperar a força utópica da educação e da escola, o exame das distopias que a afetam jamais pode ficar ausente de nossas propostas.

Instituição Escolar e Sonhos: com que Sonha a Escola? Os Sonhos das Pessoas têm Espaço no Sonho da Escola?

De um ponto de vista pedagógico, historicamente, se tem afirmado que a crítica a ser praticada pela escola, como instituição, é aquela que capacita os/as estudantes a refletirem sobre suas realidades, a partir dos saberes e das experiências educativas vivenciadas na escola, visando construir sua autonomia intelectual. Espera-se que essa aprendizagem capacite os/as estudantes no entendimento das desigualdades sociais e alimente neles o sentimento de justiça.

Na reflexão que os Entusiastas fazem sobre isso, imaginam uma educação pública sincera e coletiva, produtiva e realizadora de sonhos, sempre em contraposição, segundo eles, ao caráter duvidoso e falacioso da educação crítica e da formação do estudante crítico. Sua crítica parece sonhar com uma instituição educativa que conduza os/as estudantes a um ato, a um fazer, isto é, a uma ação prática e efetiva com base nos saberes aprendidos. Com isso, sonham com uma escola onde as coisas aconteçam efetivamente, sonham com uma organização onde as coisas se consolidem verdadeiramente.

No documentário *Nunca me sonharam*, o sonho também vai nessa direção, isto é, de que a instituição escolar precisa ser “intervencionista”. A obra defende que os/as estudantes só se transformam e voltam a sonhar quando a escola atua junto a eles; quando ela se preocupa com seus problemas, suas angústias e seus sonhos; quando vai até suas casas para entender e ajudar com certos problemas; quando consente que eles também são gente; quando consente que a escola é sim enfadonha, desinteressante, tradicional. Contudo, o documentário não defende uma escola empreendedora, o que, por vezes, os Entusiastas dão a entender que querem. Pelo contrário, sonham com a construção de uma escola pública agradável, atraente, humana, voltada para a Arte e a cultura, que se interessa pelo outro, pela pobreza etc. Em *Nunca me sonharam*, deseja-se devolver para a escola um pouco da sua própria etimologia, isto é, o *skolē*⁹, o tempo próprio da escola, o tempo do ócio, no sentido do tempo do encontro, dos afetos, das interações, das aprendizagens e das vivências. Contudo, ainda resta no documentário essa necessidade ou urgência de que a escola seja um lugar onde as coisas se consolidem e não apenas um lugar de puro ensino e/ou especulação filosófica ou científica sobre os conhecimentos.

No Filme *Marte Um*, apesar de a escola não ser central no seu enredo, quando mencionada, ela é filmada sempre em um ambiente agradável, amistoso, com bom padrão de infraestrutura, estudantes atentos e motivados, professores/as dominando a palavra para fins de ensino. Em sua utopia, contrariando um pouco o que foi dito acima, o filme defende uma escola tradicional, no sentido de que ela não pode

perder a função de ensinar bem e criticamente. Nesse caso, a escola seria uma instituição responsável e importante, que valoriza o ensino, o conhecimento, seus/suas professores/as e estudantes, ao mesmo tempo em que é boa, alegre e leve.

Contudo, se o que prevalece é o sonho de uma escola onde as coisas possam acontecer de fato, em um nível acima da própria experiência escolar, onde os problemas da vida real dos/das estudantes possam ser efetivamente sanados, perguntamos duas coisas: a) com o que sonha a instituição escolar? b) Pode ser ela mesma um lugar no qual as pessoas possam realizar, de fato, no tempo presente (e não no futuro), os seus sonhos?

Quanto ao fato de saber com o que sonha a instituição escolar, até onde se sabe, imaginariamente, ela própria é o resultado de um sonho coletivo, que apostou no conhecimento, na educação e na ciência como forma de progresso e emancipação humana. Esse sonho era, contudo, aberto e indeterminado, ou seja, a escola era apenas o suporte por meio do qual os/as estudantes se preparavam para alcançar seus próprios sonhos ou ideais. A escola não determinava o sonho, nem o conteúdo do sonho das pessoas, não se ocupava com sonhos específicos de cada um, tampouco em ser o local de realização de sonhos. Ela era apenas espaço de passagem, onde sonhos seriam nutridos, mas não necessariamente realizados.

Esse modelo de instituição educativa, assim descrito, correspondia aos tempos das utopias-desejo ou utopias-esperança, portanto utopias coletivas. A base que sustentava esse modelo de instituição era a da comunidade humana (em geral) e não a da comunidade de sujeitos específicos (diversidade); humanidade em geral e não das subjetividades singulares. Quando dizemos que a instituição não prescrevia o sonho de ninguém, é porque estava subentendido que o sonho dela visava catapultar o sonho de muitos e não apenas de alguns. Ocorre que a utopia pode ser também um sonho imposto aos outros. Apesar de tudo, vale dizer que o sonho da escola era muito claro em sua finalidade: almejava a construção da nação, do Estado, do emprego, da família, da economia, da política, da técnica, da ciência, da tecnologia etc. Bem, seja como for, e se algo disso marcou a instituição escolar, parece então que ela impediu que sonhos singulares viessem à tona, pois somente o sonho dela (instituição) poderia aparecer.

É em razão dessa imposição de sonhos que, para os apaixonados pela educação, vistos no filme, no documentário e entre os Entusiasmados, a escola necessita transgredir sua finalidade. Esses apaixonados querem que o sonho das pessoas e dos/das estudantes se transforme em discurso vivo dentro da escola. Assim como o tema da tecnologia passou a ser falado e praticado com frequência entre professores/as e estudantes, que os sonhos perfaçam esse mesmo caminho. É essa ausência do sonho das pessoas nas instituições que sustenta o discurso quase unânime desses jovens profissionais de que a escola tem sido até hoje uma destruidora de sonhos. Aqueles que têm um pouco mais

de idade e tiveram uma boa escola pública ficam perplexo com essa posição, uma vez que todos os seus sonhos só foram possíveis porque a escola pública lhes ajudou a sonhar sonhos coletivos.

Eis, então, que a segunda pergunta que compõe o título deste tópico se justifica, ou seja, pode a escola ser, ela mesma, um lugar em que as pessoas realizam, de fato, no tempo presente (e não no futuro), os seus sonhos? Nesse caso, duas coisas estão em jogo. A primeira é essa que acabamos de enunciar, ou seja, o sonho não é ou não deveria ser apenas o da instituição escolar, mas também o dos/das estudantes, das pessoas e de suas singularidades. A segunda, consequência da primeira, é que a escola, a partir de agora, estaria mais próxima de uma incubadora de ideias e projetos¹⁰, não sendo apenas um espaço de ensino. Em outras palavras, a instituição pode continuar a sonhar, desde que permita aos/as estudantes realizarem os seus sonhos no tempo presente. Entre os Entusiastas, por exemplo, isso fica evidente quando se deslumbram com a escola de Mondragón, que incentiva os/as estudantes a abrirem uma empresa de verdade e geri-la formalmente enquanto estudam. Surpreendente mudança de posição do sonho-escola! A escola deixa de ser um espaço estrategicamente separado do mundo efetivo das coisas e passa a viver e, talvez, solucionar os problemas do mundo.

Se recorrermos ao filme *Marte Um*, Deivinho e Eunice sonham sonhos individuais e/ou singulares; cada um quer algo que só pertence a si ou a pequenos grupos. O documentário *Nunca me Sonharam* denuncia que os sonhos individuais dos/das estudantes, suas vontades e problemas específicos foram ignorados pela escola, porque ela sonha apenas os próprios sonhos. Entre os Entusiastas, afirma-se que, de tão mutilados, os sonhos dos/das estudantes precisam ser recuperados, para que eles possam realizar plenamente seus projetos de vida dentro da escola.

Tal como no tópico anterior, uma contradição aqui também se apresenta. Se lá a contradição era entre sonhos coletivos, mas sem examinar o tipo de humanidade que hoje nasce, agora o problema é que o sonho não é tão coletivo como parecia ser. Ou seja, embora se defenda os sonhos das pessoas, eles são, digamos, sonhos-bolhas¹¹, isto é, são sonhos de segmentos específicos, sonhos singulares e impacientes pela sua realização.

Contudo, parece que as vozes em defesa dos sonhos, essas vozes vindas dos grupos organizados, filmes e documentários, dizem que temos que dar um jeito de entremear o sonho educativo (sonhar coletivamente/institucionalmente) com sonhos específicos (singulares/diversidade). Parece que a instituição escolar terá que ceder uma parte de seu território-sonho para os sujeitos sonhadores.

Mas como fazer isso? Ao que tudo indica, os sonhos das pessoas só terão espaço no sonho da escola pela presença de um corpo-escola (e não de um corpo escolar). E por isso não se deve entender outra coisa, senão o fato de a escola não se separar dos corpos que a habitam. E como seria? Em seu texto *O corpo utópico*, Michel Foucault

(2013) afirma, de maneira paradoxal, que é contra o corpo que lutam as utopias. Elas querem se livrar do corpo, daí porque, nelas, o corpo é sempre leve, flutua, não sente dor e vive feliz em um lugar sem perigo. Sendo o corpo lamacento, nas palavras do filósofo, as utopias prometem um corpo límpido, transparente e puro. Porém, continua Foucault (2013), o corpo é também *topia*, ou seja, é real, concreto; sem ele nada é possível. A única coisa da qual nenhuma utopia conseguirá se livrar é do corpo. Mas engana-se quem acha que o filósofo dará ao corpo pura visibilidade e tangibilidade; ao contrário disso, ele diz que o corpo também tem suas zonas perdidas, aquelas que não chegamos a ver ou tocar. Apenas o outro, quem sabe, poderá ver por nós. Em suma, nossos olhos e nossas mãos não alcançam todo o nosso corpo. Nesse sentido, o próprio corpo é ou contém a sua própria (u)topia, um lugar nenhum, um não-lugar ou um lugar invisível, inacessível. Então, diz o filósofo, o corpo é, ele mesmo, uma utopia. Ou, se quiserem, as utopias nascem dele, ele é fonte e materialização das utopias, que talvez um dia se voltem contra ele, contra aquele outro corpo. A luta é permanente. Do corpo, nascem as utopias, mas ele mesmo se destrói. Portanto, renovam-se as utopias e os corpos. Por um lado, o corpo é um “grande ator utópico” (Foucault, 2013, p. 12), porque pode criar máscaras diversas, ornamentos e simular múltiplas vidas (como nos carnavais); por outro, é terrivelmente cruel e libertador, porque pode se voltar contra si mesmo, abrindo um mundo totalmente diferente, sem máscara, de pura fúria e chagas, mas também de liberdade (o indigente, o drogado, o devasso etc.). No segundo caso, sem utopia, está tomado de um tipo de força performada por ele mesmo, sem máscara, ou com uma máscara cuja matéria é o próprio corpo. Ao corpo foram dados lugares irreais (máscaras e/ou moralidades), mas ele possui sua(s) própria(s) máscaras, isto é, máscaras de carne e osso que se modificam a cada encontro com o outro.

Isso esclarece bem porque as vozes que denunciam a morte dos sonhos singulares dos/das estudantes estão tomadas por esse duplo movimento do corpo. Dada a vontade de lutar contra o corpo, contra o corpo escolar (docente e discente) desfalecido ou sem vida, tenta-se produzir um outro tipo de corpo, que estuda e aprende, porém de forma leve e feliz: o corpo-escola. A denúncia é, portanto, contra um *corpo-prisão*, corpo pesado, corpo disciplinado, corpo amordaçado, corpo preso, corpo limitado, corpo-horário, corpo-grade, corpo-jaula, corpo-fábrica, corpo sem cabeça, corpo sem coração, corpo sem emoção. Buscam um *corpo-sonho* (o corpo-escola), corpo leve, corpo-asa, corpo flutuante, corpo livre, corpo-cidade, corpo-arte, corpo-mar, corpo-ar, corpo mutante, corpo sem órgãos, corpo fluido, enfim, corpo sonhador.

Mas, se as utopias não podem dispensar o corpo – portanto, nelas, o corpo nunca será leve o suficiente para voar –, como seria, então, um corpo-escola livre, sem regras? Nesse caso, estamos, na verdade, no campo da destruição das antigas regras e não exatamente na inexistência de regras ou de corpos. Porém, perguntamos: essas novas regras seriam capazes de superar definitivamente o corpo-prisão? Es-

se novo corpo teria chance de se livrar das investidas capitalistas, neoliberais e empreendedoras, que tanto desejam aprisioná-lo? Claro, entramos no campo do sonho-política, neste caso, política do corpo. É o que veremos a seguir.

Sonho, Corpo e Política

Vimos que, no fundo, está se projetando uma outra escola. Utopicamente, ela seria um lugar totalmente diferente. Seria um lugar agradável, limpo, colorido, espaçoso, verde, tecnológico, ecológico, social, inclusivo, sem muro ou paredes, público-privado, aberto, sem hierarquias, sem imposição, democrático etc.; lugar onde as pessoas realizariam ou consolidariam coisas efetivas. Não seria um lugar restrito ao ato de ensinar e aprender; seria um lugar de produção efetiva de projetos, ações, objetos, tecnologias etc. Mas isso só seria possível se a escola se livrasse, de uma vez por todas, da vontade de *corpo-prisão*, assumindo fortemente a defesa do *corpo-escola*, do corpo sonhador, do corpo fluido. A comunidade dos escolares (todos que habitariam a escola) viveria nesse outro lugar e nesse outro corpo, no qual as coisas seriam efetivamente realizadas e não sorratamente discursadas. Em defesa desse tipo de escola e de corpo, no documentário, um professor diz algo como: “virá uma geração de professores com mais sensibilidade”; outro diz que “uma revolução está em curso, algo vai acontecer”; e outro diz, ainda, que defenderá essa outra educação, mesmo sabendo que ela é como “a semente das tâmaras, levam cem anos para dar frutos”.

Esses novos corpos escolares, imagina-se, já existem, mas estariam ressabiados diante da velha política educativa que ainda persiste em aprisionar corpos. De certa forma, intuem que essa política tem apagado ou eliminado o corpo-sonhador. Clamam, portanto, por uma outra política, uma política do corpo.

Por política do corpo, entendemos, neste caso, a possibilidade de fala das vidas e das dores das pessoas que resistem. Em outras palavras, quando falamos de corpo aqui, falamos, na verdade, de vida ou de existências. Uma política do corpo é, por assim dizer, uma política da vida. Nota-se que não se trata necessariamente de uma política do/de Estado, mas de uma política da existência, política da vida, que conta com o Estado, obviamente, mas, antes, conta com a determinação das pessoas que sofrem, para forjar e viver um novo corpo: corpo-sonho.

O sonho desse novo corpo (corpo-escola) não prescinde da política de Estado; quer a sua presença, mas desde que ela esteja a favor da liberdade dos corpos. Uma política apta a liberar o corpo-escola para experimentar, com alguma responsabilidade, a superação do corpo-prisão.

Nesse sentido, notemos que, no Filme *Marte Um*, o diretor mostra que a vida da moça lésbica Eunice fora da escola não está separada da vida que se manifesta na escola. A mesma Eunice que vive sua vida e sua sexualidade vive a escola e ela só será plenamente feliz se o seu corpo for aceito igualmente em todos os espaços sociais. No documentário *Nunca me sonharam*, ganha destaque o fato de que a escola

estabelece uma regra que separa a vida das pessoas, dos/das estudantes da vida da escola. Na escola, os jovens são apenas estudantes (corpo-prisão, corpo escolar), no entanto possuem toda uma vida lá fora (corpo-sonho). Para o documentário, é essa divisão entre os corpos e as vidas dos/das estudantes que mata o sonho das pessoas. Essa separação é que, do ponto de vista dos/as estudantes entrevistados/as para o documentário, torna a escola cruel. Nos Entusiastas também aparece a política da vida, quando eles se ressentem do quanto a escola é insensível aos sonhos dos/das estudantes; em vez de ajudá-los/las, a escola os culpa!

Em favor da política da vida, os apaixonados pela educação – aqui representados por um documentário, um filme e um movimento de jovens –, apesar das contradições apontadas, trazem, de fato, algo difícil de ser negado: outra possibilidade de constituição de um corpo escolar: o corpo-escola. Corpo que não separa vida e escola. Tal corpo não pode ser apenas “incorporação”¹² das exigências sociais e políticas de certa sociedade, em um dado momento; ele também é confrontação social (Ferreira, 2007) e construção de outras formas de vida. Parece-nos que os escolares estão decididos a enfrentar o corpo-prisão, resta saber se eles terão sabedoria suficiente para escapar das ciladas neoliberais que os espreitam. De nossa parte, um voto de confiança está dado, pois, como diz Linn da Quebrada: “nem tudo que vende, vende mim ou vem de nós”¹³. Porém, não deixemos de desconfiar dos efeitos desse movimento.

Em suma, podemos argumentar o seguinte: há uma cruzada dos/das estudantes, de jovens professores/as e de outros profissionais contra a velha escola. As críticas feitas são muitas e crescem as acusações de que a escola é mutiladora de sonhos. Porém, como pudemos perceber, essas críticas carecem de maiores cuidados; dois, pelo menos: o primeiro é o de verificar se a escola de hoje é realmente tradicional e conservadora ou se, na verdade, ela é vítima de um desmonte que não a deixa incorporar, com as devidas precauções, as novidades educativas tão requisitadas na atualidade. O segundo cuidado trata-se de verificar se essas novidades – alguns as chamam de inovação – não estariam alterando muito ligeiramente o *ethos* escolar. Em nome de certa revolução tecnológica, verifica-se uma alteração (ou tentativa de alteração) vertiginosa das noções de tempo, espaço e conhecimento escolar, a fim de impor uma flexibilização curricular terrivelmente veloz aos/às professores/as. Ora, isso não introduziria na escola elementos estranhos a ela, elementos próprios de outros campos sociais, que não são propriamente educativos? Sabemos bem que os campos do marketing, das mídias, dos mercados, das tecnologias, da saúde não são inerentes à educação; pelo contrário, para fazer parte dela, devem passar antes pelo crivo da crítica educativa, o que não está acontecendo a contento.

Com essas ponderações, não defendemos que a prática escolar esteja isenta de problemas; certamente, há inúmeros ajustes e prestações de contas a serem feitos.

Para todos os efeitos, de fato, algo está mexendo com as estruturas da escola e a mudança mais substantiva, a nosso ver, está no fato de que há um movimento, digamos, heliocêntrico da instituição escolar. A escola não seria mais o centro da aprendizagem, e sim apenas um de seus astros. Um movimento que tende a retirar a escola de um mero lugar de ensinar e aprender, tornando-a um espaço efetivo de produções, sejam escolares, artísticas, midiáticas, tecnológicas etc. Força-se a escola a deixar de ser um lugar ao qual se vai para aprender para tornar-se um lugar onde se deve desenvolver projetos diversos. Assim como os espaços makers das empresas, assim como as startups, assim como as aceleradoras de startup, que são espaços próprios para simular produtos e tecnologias a fim de responder as necessidades de hoje, as escolas tenderiam a ser espaços nos quais, a partir dos sonhos das pessoas, seriam produzidos projetos de vida de estudantes e docentes. Para nós, essa é a base sobre a qual os restos mortais da escola tentam resistir e sobreviver ou mesmo podem ceder à tentação desse tipo de transformação.

Por fim, vale advertir que os sonhos educativos sonhados acordados (ou seja, as utopias) são valorosos, mas, sem um exame mais apurado, podem ser desastrosos. É louvável os apaixonados pela educação quererem se livrar de um corpo-prisão ou de serem refém de princípios que não se cumprem, de visarem um corpo-escola livre, leve, feliz e sonhador. Mas, sem se darem conta dos perigos que rondam essa discussão, podem, ingenuamente, sentenciar a escola à morte.

Recebido em 30 de outubro de 2023
Aprovado em 18 de maio de 2024

Notas

- ¹ Para esse tema, em particular, consultar Crary (2016).
- ² Discussão que pode ser encontrada em detalhes em Kopenawa e Albert (2015).
- ³ Obviamente, existem outros marcos importantes. Aliás, vale destacar pelo menos mais dois para quem desejar pesquisá-los: a ONG Gerando Falcões, fundada em 2013, e a ONG CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento), fundada em 1984.
- ⁴ Dados retirados do livro *Volta ao mundo em 13 escolas – sinais do futuro no presente*; do Encontro Nacional de inovação na Educação – Educação fora da Caixa; e do Projeto *Virada Educação*.
- ⁵ Ver detalhes em: https://www.youtube.com/watch?v=h_d-OUFa78s. Acesso em: 12 de abril 2023.
- ⁶ Entre as utopias literárias, Francis Wolff (2016) considera a República, de Platão, e a Utopia, de Thomas Morus, as obras mais emblemáticas desse gênero.
- ⁷ Ver sobre a noção de espaço em Biesta (2013).
- ⁸ Vale a pena consultar a discussão de comum em Dardot e Laval (2017).
- ⁹ Conferir a discussão em: Masschelein e Simons (2013).
- ¹⁰ Não precisa ser apenas isso, algo tão mercadológico; pode ser, como diz Corazza (2019, p. 12), um espaço de ação poética, em vez de apenas tradução, podem ser

produzidos "peças, poemas, desenhos, esculturas, partituras, danças, mímicas, cirandas, malabares, palhaçadas, sonatas, árias".

- ¹¹ Teles (2018). O autor se refere às bolhas identitárias e outras produzidas pelos algoritmos.
- ¹² Conferir discussão entre Pierre Bourdieu e Antony Giddens, feita por Ferreira (2007).
- ¹³ Conferir: Judith Butler debate os problemas de gênero com Linn da Quebrada e Jup do Bairro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DMge3Uc9sUs&t=1300s,21':25''>. Acesso em: 12 de maio 2023.

Referências

- Ab'SÁBER, Tales. **O sonhar restaurado**: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- Ab'SÁBER, Tales. **O self cultural**: sujeito do inconsciente e história. Peixe-Elétrico Ensaios. e-book; e-galáxia, 2016.
- BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Trad. Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- CORAZZA, Sandra. O direito à poética na aula: sonhos de tinta. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 01-15, 2019.
- CORAZZA, Sandra. O Sonho da Docência: fantástico tear. **Revista Proposições**, Campinas, v. 32, e20200008, p. 01-29, 2021.
- CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu, 2016.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum**: ensaio sobre a revolução do século XXI. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2017.
- DUARTE, Pedro. A utopia do pensamento. In: NOVAES, Adauto. **Mutações**: o novo espírito utópico. São Paulo: Sesc São Paulo, 2016.
- ELIAS, Norbert. *Cómo Pueden Las Utopías Científicas y Literarias Influir Sobre El Futuro*. **Repositorio Institucional**, Bogotá, Universidad Nacional de Colombia, 1982. Disponível em: <https://repositorio.unal.edu.co/bitstream/handle/unal/2967/02CAPI01.pdf?sequence=10&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- FERREIRA, Vitor S. Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o *body piercing* como expressão corporal de uma ética da dissidência. **etnográfica - Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, Lisboa/PT, v. 11, n. 2, p. 291-326, nov. 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/1979>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**: posfácio da Daniel Defert. Trad. Salma T. Muchail. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- GRAVATÁ, André et al. **Volta ao mundo em 13 escolas**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013. Disponível em: https://movinovacaonaeducacao.org.br/wp-content/uploads/2018/08/131015_volta_ao_mundo_em_13_escolas-1.pdf. Acesso em: 13 fev. 2021.
- GROS, Frédéric. A utopia contemporânea dos corpos. In: NOVAES, Adauto. **Mutações**: o novo espírito utópico. São Paulo: Sesc. São Paulo, 2016.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã Yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros**: uma etnografia dos sonhos Yanomami. São Paulo: Ubu, 2022.

MARTE Um. Direção de Gabriel Martins. Belo Horizonte: Embaúba Filmes, 2021.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

NOVAES, Adauto (Org.). **Mutações**: o novo espírito utópico. São Paulo: Sesc São Paulo, 2016.

NUNCA me sonharam. Direção de Cacau Rhoden. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2017.

RIBEIRO, Renato Janine. **A boa política**: ensaios sobre a democracia na era da internet. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

RIBEIRO, Sidarta. **Oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TELES, Edson. Governamentalidade algorítmica e as subjetivações rarefeitas. **Kriterion**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte/MG, v, 59, n, 140, p. 429-448, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/PQTcJnpCGrP7PD5TrXK/WzZm/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 13 maio 2022.

WOLFF, Francis. As três utopias da modernidade. In: NOVAES, Adauto. **Mutações**: o novo espírito utópico. São Paulo: Sesc São Paulo, 2016.

André Favacho é mestre em Educação pela Universidade de Brasília. É doutor em Educação pela Universidade de São Paulo - USP. Exerce sua docência na Universidade Federal de Minas Gerais (FAE-UFMG), onde atua como professor de Teoria de Currículo e Política Educacional. Na pós-graduação atua, a partir do referencial foucaultiano, com as noções de ética, experiência, estética, resistência, bem como análise de discurso.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8481-7370>

E-mail: amfavacho@hotmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio artigo.

Editora Responsável: Carla Karnoppi Vasques

